

INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Percepções dos eleitores sobre candidatos outsiders nas futuras eleições presidenciais brasileiras

Roberta Picussa

betapicussa@gmail.com

Pós-Doutoranda INCT ReDem

Universidade Federal do Paraná

Adriano Codato

adrinanocodato@gmail.com

Coordenador INCT ReDem

Universidade Federal do Paraná

Felipe Calabrez da Silva

f.calabrez@hotmail.com

Pós-Doutorando INCT ReDem

Sciences Po - Institut d'Études Politiques de Paris

abril, 2025

Release

Desconfiança geral: eleitores rejeitam veteranos e desconfiam de novatos na corrida presidencial

Há um grande anseio por renovação política, mas o sentimento de impotência diante do sistema político estabelecido gera desconfiança dos outsiders e leva os eleitores à resignação.

Uma nova pesquisa do INCT ReDem, sediado na Universidade Federal do Paraná, mostra que o eleitorado paulista está preso a um impasse: quer mudança, mas não acredita que ela seja possível. A pesquisa qualitativa, realizada com eleitores das classes C, D e E em fevereiro, indica que tanto os políticos tradicionais quanto os outsiders — os novatos que se apresentam com um discurso antissistema — enfrentam rejeição por parte do público.

Mesmo diante da saturação com a política institucional, os entrevistados manifestam forte desconfiança em relação a candidaturas novatas e a discursos radicais. O desejo de renovação política é real, mas vem acompanhado de um sentimento de impotência e frustração. “Se você não entra para o sistema, o sistema te bane”, disse um dos participantes, resumindo o ceticismo generalizado com a possibilidade de mudança.

No levantamento, nenhum dos quatro perfis de políticos testados (veterano experiente, outsider radical, novato pragmático e rebelde antissistema) teve apoio unânime. O político tradicional foi o mais rejeitado; o novato moderado teve boa aceitação, mas despertou dúvidas; e os outsiders antissistema dividiram opiniões, sendo vistos com entusiasmo por poucos e desconfiança pela maioria.

A conclusão da pesquisa, financiada pelo CNPq, e que conversou longamente com seis grupos de 10 eleitores cada, em São Paulo e em Bauru, é clara: na eleição presidencial que se avizinha, o discurso antissistema, sozinho, não será suficiente.

Um outsider só terá chances reais se conseguir equilibrar novidade com pragmatismo – isto é, mostrar que tem propostas viáveis e apoios suficientes para governar.

Percepções dos eleitores sobre candidatos outsiders nas futuras eleições presidenciais brasileiras¹

Roberta Picussa

betapicussa@gmail.com

Pós-Doutoranda INCT ReDem

Universidade Federal do Paraná

Adriano Codato

adrinanocodato@gmail.com

Coordenador INCT ReDem

Universidade Federal do Paraná

Felipe Calabrez da Silva

f.calabrez@hotmail.com

Pós-Doutorando INCT ReDem

Sciences Po - Institut d'Études Politiques de Paris

Resumo

Introdução: Este *paper* investiga as percepções dos eleitores brasileiros sobre candidatos *outsiders* e antissistema visando as futuras eleições presidenciais. O objetivo é entender se o eleitor se sente atraído por um candidato *outsider* simplesmente por ele não ser um político de carreira, pelo seu discurso contra a política tradicional (*anti-establishment*), ou pela junção dessas duas características.

Metodologia: Foi realizada uma pesquisa qualitativa com seis grupos focais, totalizando 60 eleitores do estado de São Paulo (capital e Bauru), em fevereiro de 2025. Os participantes das classes C, D e E foram divididos por faixa etária, voto em 2022 (Lula ou Bolsonaro) e preferências ideológicas. Foram apresentados perfis fictícios de candidatos presidenciais (*insider*, *outsider* completo, *amador* e *rebelde*) com diferentes níveis de experiência política e tipos de discurso. As entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo.

Resultados: Os eleitores demonstraram ceticismo generalizado em relação à política, com forte desejo de renovação, mas desconfiança tanto de veteranos quanto de novatos. O candidato tradicional foi o mais rejeitado, enquanto o *amador* teve boa aceitação, mas com ressalvas. *Outsiders* dividiram opiniões: a retórica antissistema atraiu, mas gerou preocupações sobre inexperiência e viabilidade. Há uma visão pragmática em relação aos partidos, vistos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processo nº 406649/2022-7. INCT Representação e Legitimidade Democrática.

como necessários para governabilidade. Eleitores de Lula e Bolsonaro apresentaram nuances em suas justificativas para a desilusão.

Discussão: Apenas um discurso antissistema não garante apoio e votos; um *outsider* precisa equilibrar novidade com pragmatismo e demonstrar capacidade para governar. A principal clivagem que aparece nas discussões nos grupos focais é entre “povo” e “classe política”, e não entre esquerda e direita.

Conclusões: O estudo evidencia um paradoxo da renovação: o anseio por mudança política esbarra no receio da inexperiência e na percepção de que o sistema político pode cooptar ou neutralizar novatos. Esta ambivalência reflete os desafios contemporâneos da representação política em um contexto de crescente desconfiança nas instituições democráticas.

Introdução: entre a desconfiança e a esperança, o dilema do eleitor brasileiro

Políticos *outsiders* ganharam imenso protagonismo nos últimos anos. Figuras como Donald Trump, Emmanuel Macrón, Volodymyr Zelensky e Javier Milei surpreenderam muitos observadores ao conseguir derrotar partidos e líderes já estabelecidos nas eleições presidenciais de seus países, mesmo sem experiência política (ou eleitoral) prévia e concorrendo por partidos recém-criados.

O problema de novatos no campo político vencerem eleições presidenciais é o receio do tipo de governo que irão implementar. Contextualizando o problema, dois cientistas políticos (Levitsky & Ziblatt, 2018) escreveram um livro emblemático sobre as condições políticas que levam à derrocada das democracias contemporâneas. Em regimes democráticos que sucumbiram ao autoritarismo, os protagonistas foram líderes políticos *outsiders* que conseguiram espaço no sistema partidário para ascender à Presidência pela via eleitoral.

Alguns líderes, apesar de terem uma trajetória na política, também carregam em si um potencial disruptivo quando se rebelam contra os partidos estabelecidos e resolvem se lançar eleitoralmente utilizando um partido sem relevância como veículo eleitoral, ou ainda, como tem sido comum em países europeus, fundando um novo partido. Eles fazem isso geralmente lançando mão de um discurso *anti-establishment* político, como é caracterizado na literatura internacional (Hartleb, 2015; Schedler, 1996), e seus posicionamentos ideológicos podem ser tanto de esquerda quanto de direita.

No Brasil tem sido mais comum chamar esse discurso de “antipolítica” ou “antissistema”. Esse foi o caso de Jair Bolsonaro, eleito em 2018 em um contexto marcado por forte insatisfação com os partidos políticos tradicionais (Fuks, Ribeiro e Borba, 2021) e com uma candidatura que se mostrou capaz, naquele momento, de alinhar e atrair eleitores identificados com um posicionamento ideológico de direita (Fuks e Marques, 2020).

Em 2024, o empresário e influencer digital Pablo Marçal foi o grande protagonista das eleições para a Prefeitura de São Paulo, chegando a despontar nas pesquisas como forte concorrente a ir para o segundo turno. Ficou em terceiro lugar, mas seu potencial disruptivo foi percebido durante a campanha, quando em debates entre os candidatos, protagonizou cenas de intimidações aos adversários, xingamentos e agressões físicas. Marçal, além de um

outsider, era um estandarte do discurso antissistema. Ao rechaçar os ritos democráticos de competição eleitoral, tinha como objetivo ridicularizar a atividade política. Em março de 2025, uma pesquisa de intenção de voto à Presidente divulgada pela Genial Quest mostrou o cantor Gustavo Lima (sem partido) com 35% das intenções de voto, sendo o candidato de oposição a Lula que mais pontuou dentre as opções colocadas ao eleitor².

Mas o que credenciaria figuras como Pablo Marçal ou Gustavo Lima para ganharem tanta adesão do eleitorado? E se política está tão descreditada, por que os políticos de carreira continuam se reelegendo para a maioria dos cargos políticos?

Sabemos que a rejeição à classe política é alta e que *outsiders* estão ganhando espaço; o que não se sabe ainda é o que, de fato, atrai o voto em um candidato que se apresenta como uma nova opção no campo político.

Essa atração poderia ser devida ao candidato (além de estar dissociado do mundo político-institucional) ter sucesso em outro campo profissional, como um empresário ou um artista famoso, independentemente do tom de seu discurso? Ou o sucesso se dá em razão do candidato adotar um discurso antipolítica, independentemente de estar dentro ou fora dela? Ou, ainda, é a combinação de inexperiência política (o “novo”) com o discurso (contra “tudo e todos”) que realmente cativa os eleitores?

Para responder a essas questões, empreendemos uma pesquisa com grupos focais com eleitores do estado de São Paulo, onde apresentamos candidatos fictícios com perfis e discursos específicos relacionados a líderes *outsiders*, antissistema e ao político tradicional, conforme descritos pela literatura especializada. Na próxima seção, apresentamos como os estudos internacionais tratam desses fenômenos e o impacto da presença desses atores no processo eleitoral e governamental. Em seguida, fornecemos os detalhes da metodologia utilizada em nossa pesquisa com base em grupos focais. Por fim, apresentaremos alguns dados qualitativos que evidenciam o dilema dos eleitores entre: a) um desejo por renovação política e b) a preocupação com a governabilidade e a efetividade da atuação de candidatos *outsiders* sem experiência ou sem o apoio de grandes partidos.

A literatura: o que já sabemos sobre políticos que desafiam o sistema político

O termo *outsider* tem sido muito utilizado dentro e fora da Ciência Política. O problema é que líderes *outsiders* têm inúmeras outras características que acabam ofuscando sua condição de forasteiro: discursos radicais, com apelos antissistema e em muitos casos até preconceituosos, acabam por chamar mais atenção e ter mais impacto. Nesse cenário, é importante situar a discussão e nomear as coisas corretamente.

As principais obras que tratam de *outsiders* na arena política (Barr, 2009; Carreras, 2012; Kenney, 1998) se destacam por detalharem as características desses atores. Kenney (1998) vislumbrou a necessidade de definir duas dimensões das relações dos políticos com

² Gustavo Lima tem menor diferença para Lula no 2º turno. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/gustavo-lima-tem-menor-diferenca-para-lula-no-2o-turno-diz-quaest/>. Consulta em 14 mar. 2025.

os sistemas partidários: classificá-los como *outsiders* (de fora) ou *insiders* (de dentro) dependendo de sua origem *vis-à-vis* o sistema partidário, e como antipartido ou tolerante a partidos, dependendo de seu discurso sobre o sistema partidário estabelecido. Assim, *outsiders* seriam aqueles líderes que ganharam proeminência fora do sistema partidário nacional, enquanto *insiders* seriam aqueles que ganharam destaque dentro do sistema partidário. Barr (2009) segue esse raciocínio, mas ressalta que uma complicação derivada dessa classificação dual (*insider-outsider*) diz respeito a políticos que crescem em um partido tradicional, mas o deixam para se filiar ou fundar outro novo e concorrer a eleições por ele. Esse tipo híbrido de *outsider* ele chama de *rebelde* (*maverick*).

Carreras (2012), introduziu uma dimensão muito importante na caracterização do *outsider*: a experiência profissional na política. Ele montou uma tipologia de outsider baseado apenas nas origens partidárias e políticas dos candidatos. Existiriam três tipos: 1) *amadores*: são políticos com pouca ou nenhuma experiência que competem eleitoralmente por partidos tradicionais; 2) *rebeldes*: são políticos que já pertenceram a partidos do sistema, mas decidiram concorrer eleitoralmente por partidos novos; e 3) completamente *outsiders*: são políticos que não têm uma carreira política prévia e competem em eleições presidenciais por um partido recém-criado. Por fim, um quarto tipo é o *insider*: é aquele político que não cabe na definição de *outsider*, pois já acumula experiência política e faz parte de um partido consolidado, ou seja, é o político tradicional.

O Quadro 1 a seguir exemplifica a tipologia de Carreras (2012):

Quadro 1. Tipologia de Outsiders e Insiders Políticos na América Latina

tipo	definição	casos
Outsiders amadores	Políticos com pouca experiência que competem por partidos tradicionais	Sebastián Piñera (Chile) : Empresário com limitada experiência política quando concorreu pela Renovación Nacional, partido tradicional chileno. Vicente Fox (México) : Empresário que concorreu pelo PAN, partido tradicional, quebrando a hegemonia do PRI.
Outsiders rebeldes	Políticos que pertenceram a partidos do sistema, mas concorrem por partidos novos	Andrés Manuel López Obrador (México) : Iniciou no PRI, passou pelo PRD e fundou o MORENA, pelo qual foi eleito presidente. Rafael Correa (Equador) : Após breve experiência como ministro, fundou a Alianza PAIS e venceu as eleições. Mauricio Macri (Argentina) : Criou o PRO após iniciar sua carreira em partidos tradicionais.
Completamente outsiders	Políticos sem carreira política prévia que competem por um partido recém-criado	Alberto Fujimori (Peru) : Engenheiro e reitor universitário sem experiência política que criou o Cambio 90. Javier Milei (Argentina) : Economista e comentarista de TV que fundou o La Libertad Avanza. Pedro Castillo (Peru) : Professor rural e líder sindical sem experiência política institucional.
Insiders	Políticos tradicionais com experiência em partidos consolidados	Michelle Bachelet (Chile) : Longa trajetória no Partido Socialista, foi ministra antes de ser presidente duas vezes. José Mujica (Uruguai) : Político de longa militância na Frente Ampla. Lula da Silva (Brasil) : Fundador do PT, partido consolidado desde os anos 1980. Álvaro Uribe (Colômbia) : Senador e governador antes de ser eleito presidente pelo Partido Liberal.

Fonte: elaboração própria a partir de Carreras, 2012.

Uma característica muito comum e marcante dos *outsiders* é o uso da retórica *anti-establishment*. *Establishment* é um termo muito usado internacionalmente para se referir às elites, principalmente à classe política, composta pelos partidos tradicionais e líderes estabelecidos. Segundo Schedler (1996), a retórica *anti-establishment* em política é aquela que coloca em contraposição o “povo” e a “classe política”, no sentido de que a classe política seria a culpada por todas as mazelas que atingem o povo, e esse último seria apenas uma vítima da “casta política”.

“La política no es para que unos pocos vivan de los muchos, sino para que los servidores públicos sirvan a sus compatriotas. No venimos a guiar corderos, sino a despertar leones. No hay lugar para el gradualismo, no hay lugar para la tibieza, no hay lugar para medias tintas. Si no avanzamos rápido retrocederemos. [...] Hoy comienza el fin de la casta política parasitaria que destroza este país.” (*La Nación*, “El discurso completo de Javier Milei: ‘Comienza el fin de la casta política’”. 11 de dezembro de 2023)³.

O discurso acima foi proferido por Javier Milei em cerimônia de posse à presidência argentina em 2023. Mas poderia perfeitamente ter partido de Pablo Iglesias, criador do Podemos na Espanha, fundado a partir de um movimento que se insurgia contra os partidos tradicionais, prometendo lutar contra a “casta política que manda na Europa”⁴. Os líderes que utilizam esse discurso pretendam atuar ou já atuam na esfera política enquanto criticam a classe política instituída e se posicionam como *outsiders*, ou seja, como atores que não pertencem à “casta” no governo. Muitos líderes que adotam essa postura, *outsiders* ou não, causam instabilidade e tendem a conduzir governos populistas.

Sobre os motivos que levam o eleitorado a rejeitar os políticos e partidos tradicionais e optarem por *outsiders*, um estudo comparado com 21 países da América Latina (Corrales, 2008) demonstrou que o eleitorado é muito sensível às volatilidades econômicas e junto à desconfiança da classe política, tendem a direcionar suas esperanças para candidatos que são ex-presidentes e já provaram seu valor, ou novatos, que apostam no discurso *anti-establishment* político. Corrales demonstra que a abundância destes dois tipos de candidatos em eleições presidenciais acelera a desinstitucionalização e polariza a sociedade conduzindo a uma sorte de “neocaudilhismo”. Ele seria a versão contemporânea do caudilhismo histórico da região, resultado do enfraquecimento sistemático das instituições democráticas, o que provocaria um processo progressivo de desinstitucionalização política, fomentando assim a polarização do eleitorado e gerando graves problemas de governabilidade tanto para ex-presidentes quanto para *outsiders* que chegam ao governo mediante eleições.

O Quadro 2 resume os fatores de “oferta” e “demanda” que teriam influenciado eleitores a optarem por *outsiders*.

³ <https://www.lanacion.com.ar/politica/que-dijo-javier-milei-el-texto-completo-del-discurso-ofrecido-por-cadena-nacional-nid11122024/> Acesso em 8 abril 2025.

⁴ Disponível em: https://cadenaser.com/ser/2014/05/26/espana/1401061829_850215.html

Quadro 2. Causas da preferência por outsiders e ex-Presidentes na América Latina

dimensão	fatores	mecanismos e consequências
Demanda (eleitorado)	ansiedade econômica	• Três décadas de extrema volatilidade econômica (1970-1990s) • Alternância entre estatismo, crises, choques, liberalização • Alta incidência de calotes e reestruturações das dívidas externas
	resposta psicológica	• "Efeito dotação": valorização excessiva do conhecido (ex-presidentes) • Maior tolerância ao risco em situações de perda (<i>outsiders</i>) • Preferência por extremos: "demônios que conhecem" vs. "demônios que não conhecem"
	insatisfação ampla	• Existência de "perdedores econômicos" mesmo em economias em crescimento • Problemas de corrupção e insegurança ("impunidad" e "inseguridad") • Níveis de descontentamento e "desafeição" política mais altos que na Europa
Oferta (instituições)	crises partidárias	• Desalinhamento entre partidos e eleitores • Divisões internas das elites partidárias • Fragmentação do sistema partidário (aumento do número efetivo de partidos)
	presidencialismo	• Eleições diretas e primárias facilitam entrada de outsiders • Menor controle para filtrar candidatos em comparação com sistemas parlamentaristas • Declínio das liberdades civis e políticas em alguns casos

Fonte: elaboração própria a partir de Corrales, 2008.

Outro estudo comparado com 18 países da América Latina (Doyle, 2011) concluiu que países onde há menos confiança nas instituições políticas são mais propensos a votarem em líderes populistas. Esses eleitores desacreditam dos políticos tradicionais quando suas expectativas não estão sendo correspondidas e tendem a acreditar nos discursos radicalizados dos *outsiders* que dizem desafiar o sistema estabelecido.

Um *survey* global da IPSOS sobre o tema demonstrou que o sentimento de que o sistema está falido permanece alto desde pelo menos 2016. Um índice elaborado para medir essa percepção encontrou ressonância em 61% da população dos 28 países pesquisados, em média. No Brasil, é maior, 67% em 2023, mas já foi de 72% em 2021. Esse índice é composto por concordância com afirmações como “*Os partidos tradicionais e os políticos não se importam com pessoas como eu*” ou “*Para consertar o país, precisamos de um líder forte disposto a quebrar as regras*”. 69% dos brasileiros acreditam que a principal divisão em sua sociedade é entre os cidadãos comuns e a elite política e econômica, e 54% deles acredita que essas elites agem em benefício próprio (IPSOS, 2024).

Estudos mais recentes mostram que o sentimento *anti-establishment* tem sido um fator relevante na derrocada das democracias.

Na Colômbia e no Peru, antes e durante as eleições de 2022, a aversão à classe política atravessa o espectro ideológico e resulta do aumento da percepção da corrupção e das promessas não cumpridas pelos políticos. Esse sentimento inclui como fatores inerentes o antielitismo, a desconfiança em relação aos partidos políticos e a raiva contra eles. A

intensidade da raiva em relação às elites políticas tradicionais é um fator distintivo⁵. Desta forma, candidatos que utilizam apelos *anti-establishment* possuiriam uma vantagem eleitoral marginal (Cox and Garbiras-Díaz, 2024). Outro estudo mostrou a relevância desse tipo de sentimento como uma clivagem política entre os eleitores dos EUA: orientações *anti-establishment*, mais do que orientações esquerda-direita, estão fortemente relacionadas a traços psicológicos antissociais, crenças conspiratórias e uso de mídias sociais extremistas. O que as une é um antagonismo profundamente enraizado contra a ordem política estabelecida (Uscinski et al., 2021).

Esses e outros estudos que exploram a identificação dos eleitores com o sentimento *anti-establishment* e com os candidatos que usam dessa retórica na América Latina (Meléndez, 2022), nos Estados Unidos (Hansen & Treul, 2021) e globalmente (Droste, 2021) se baseiam em questionários fechados, típicos de pesquisas de opinião pública tipo survey. Mas falta entender com maior profundidade o que gera esse sentimento e o que os eleitores brasileiros pensam, sentem e expressam sobre os políticos, os partidos e os candidatos à Presidente que se apresentam como *outsiders*, isto é, com um discurso de que não fazem parte desse sistema político corrompido.

Metodologia: como capturamos as percepções dos eleitores

Nossa pesquisa utilizou a técnica qualitativa de grupos focais. Eles são úteis para a exploração de temas sensíveis e difíceis de serem abordados por meio de um questionário estruturado. A técnica permite que os participantes expressem suas percepções e experiências de maneira relativamente espontânea, pois incentiva que eles conversem entre si, e não que apenas respondam às questões colocadas pelo condutor do grupo. A vantagem dessa técnica é permitir que os temas levantados sejam debatidos, refletidos e aprofundados, de modo a capturarmos a diversidade de opiniões e pontos de vista sobre temas de interesse, assim como as ambivalências muitas vezes presentes nas visões dos indivíduos sobre determinada questão, o que não apenas ajuda a gerar conhecimento adicional sobre o tema como também auxiliar na criação de novas hipóteses de trabalho e no refinamento de perguntas para surveys futuras.

Foram realizados 6 grupos focais, em três dias de pesquisa, entre 18 e 20 de fevereiro de 2025. Os grupos foram realizados com 10 participantes cada, todos moradores e eleitores ativos do estado de São Paulo, divididos entre moradores da capital e do interior (cidade de Bauru), sexo misto e classe social C, D e E. A composição de cada grupo foi definida por características de faixa etária, se votaram em 2022 para presidente e em quem (Lula ou Bolsonaro) e se votaram para deputado federal, e por preferências ideológicas, conforme

⁵ A raiva se distingue da mera crítica política. Em sistemas eleitorais voluntários, como na Colômbia, ela pode exercer um papel de mobilização eleitoral, incentivando a busca por informações e potencialmente aumentando a participação. Além disso, a raiva expressa em slogans de candidatos pode influenciar a avaliação dos eleitores. Esse estudo também sugere que a raiva direcionada ao *establishment* pode levar a uma maior tolerância a retóricas antidemocráticas de candidatos que compartilham o sentimento *anti-establishment*. Fundamentalmente, a origem dessa raiva reside nas percepções de corrupção e no descumprimento de promessas pelos políticos (Cox and Garbiras-Díaz, 2024).

apresentado na Tabela 1. O recrutamento dos participantes e moderação dos grupos foi feito por duas empresas especializadas no emprego de cada técnica. A média de duração de cada grupo foi de 90 minutos.

Tabela 1. Composição dos grupos focais

grupo	faixa etária	cidade	voto em 2022	posição ideológica
1	18 a 34 (jovens)	São Paulo	Lula	Esquerda, Centro, não tem posição
2	35 a 60 (adultos)	São Paulo	Lula	Esquerda, Centro, não tem posição
3	18 a 34 (jovens)	São Paulo	Bolsonaro	Direita, Centro, não tem posição
4	35 a 60 (adultos)	São Paulo	Bolsonaro	Direita, Centro, não tem posição
5	35 a 60 (adultos)	Bauru	Lula	Esquerda, Centro, não tem posição
6	35 a 60 (adultos)	Bauru	Bolsonaro	Direita, Centro, não tem posição

Fonte: elaboração própria, 2025.

O desenho dos grupos dividiu eleitores de Lula e de Bolsonaro, mas os participantes não sabiam que o seu grupo estava assim dividido. Pessoas de esquerda, centro, direita e sem definição ideológica foram recrutadas a fim de que os grupos não fossem essencialmente “Lulistas” ou “Bolsonaristas”. A cidade de São Paulo foi privilegiada, por ser a mais populosa do Brasil e possuir habitantes de várias regiões do país. Além disso, foi inserida a cidade de Bauru com a intenção de pinçar possíveis diferenças entre moradores de grandes capitais e do interior. A literatura internacional discute há alguns anos a diferença de percepção do establishment político entre essas populações devido a grandes diferenças culturais de cada grupo (Inglehart & Norris, 2017)(Droste, 2021).

Durante a realização dos grupos focais, foi inicialmente discutida a percepção dos participantes sobre a política e os políticos em geral. Em seguida, os quatro tipos ideais de candidatos presidenciais inspirados na descrição de Carreras foram testados, isto é, foi perguntado se os participantes votariam ou não num determinado perfil de candidato e suas impressões sobre ele. Os tipos ideais foram elaborados pela pesquisadora principal (Roberta Picussa), destacando os três tipos de *outsider* (amador, rebelde e outsider completo) e o tipo *insider*, considerando as variáveis de experiência profissional na política e fora dela, e os tipos de discurso, pró e *anti-establishment* político.

A construção dos candidatos também foi referenciada no estudo de Hansen e Treul (2021), que elaboraram perfis e declarações de campanha para um teste muito semelhante conduzido no Estados Unidos, sob a forma de survey. Usando um estilo muito parecido, adaptamos o perfil e o discurso para o contexto brasileiro, e apresentamos aos grupos focais quatro perfis distintos conforme descrito no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3. Candidatos a Presidente fictícios apresentados nos grupos focais

perfil	descrição	declaração
1 (insider)	Ele é um veterano, com 20 anos na política, faz parte de um grande partido e tem fortes laços com muitos políticos. Para sua campanha, divulgou esta declaração:	<i>‘O Brasil precisa de menos confusão e mais soluções para a vida real das pessoas. Tenho experiência para manter aquilo que funciona bem e para fazer mudanças. Com uma grande aliança, vamos avançar cada vez mais. Peço seu voto para Presidente!’</i>
2 (outsider)	Ele nunca se candidatou a nada, está concorrendo por um partido pequeno, e não tem ligação com os políticos. Para sua campanha, divulgou esta declaração:	<i>‘O Brasil é controlado por políticos corruptos que se preocupam mais com seus próprios interesses do que com fazer o que é certo. Estou concorrendo à Presidência para lutar contra esse sistema podre e devolver o poder a quem ele pertence: o povo brasileiro.’</i>
3 (amador)	Ele é candidato pela primeira vez, e está concorrendo por um partido grande e não tem laços com os políticos tradicionais. Para sua campanha, divulgou esta declaração:	<i>‘O Brasil precisa de pessoas comuns como eu e você, mas que sejam capacitadas para o cargo. Sei que a política é difícil, mas tenho paciência e disposição para conversar com todos os lados, e se preciso, fazer alianças para fazer o certo. Peço seu voto!’</i>
4 (rebelde)	Ele é um político, foi filiado a vários partidos grandes, mas agora está em um partido pequeno para concorrer a Presidente. Para a sua campanha, divulgou esta declaração:	<i>‘O Brasil está cheio de políticos corruptos que se acostumaram com o poder e preferem agradar aos poderosos do que pensar no povo. Eu sou diferente, eu saí do meu partido para poder continuar lutando pelo que é certo. Nunca traí meus ideais.’</i>

Fonte: elaboração própria, 2025.

Conforme os tipos descritos por Carreras (2012), o perfil 1 é o *insider*, ou o político tradicional. Ele tem longa experiência em cargos políticos (~20 anos) e concorre por um partido estabelecido à presidência da República, o que na pesquisa foi traduzido para um “partido grande”, que são partidos antigos e que tem uma numerosa bancada parlamentar. O conteúdo de sua declaração valorizou características da política tradicional, como a experiência no campo político e o pertencimento ao sistema partidário, o que possibilitaria a ele fazer “grandes alianças” a fim de governar com estabilidade.

O perfil 2 é o completo *outsider*, aquele que não tem experiência política e concorre por um partido novo ou marginal ao sistema, o que foi traduzido para um “partido pequeno”, pois na maioria das vezes esses partidos são pequenos, isto é, tem baixíssima representação parlamentar. O partido de Bolsonaro em 2018, o PSL, possuía apenas uma cadeira na Câmara dos Deputados. Seu discurso é *anti-establishment*, enfatiza a corrupção e o auto-interesse da classe (“casta”) política em contraposição a ele próprio e ao povo que ele enfim diz representar.

O perfil 3 é o candidato *amador*, isto é, um candidato sem experiência política, pois está concorrendo pela primeira vez, mas o faz filiado a um “grande partido”, aliado, portanto, ao *establishment* partidário. Sua declaração destacou a importância das alianças partidárias, ao mesmo tempo em que enfatizou sua proximidade com as “pessoas comuns”. A menção à

capacidade para o cargo denota que o estudo ou a experiência em outro campo profissional podem formar bons governantes.

Por fim, o candidato *rebelde* é o que tem sim experiência na política institucional, “ele é um político”, que já pertenceu a partidos tradicionais, mas faz o movimento de se filiar a um partido completamente novo ou marginal ao “sistema”, um partido pequeno, para simplificar na nossa definição. Ele adotou um discurso de revolta contra o sistema político (em geral “corrupto”) para justificar sua candidatura à Presidência.

O material produzido como resultado dos grupos foi analisado utilizando diferentes métodos.

Tanto a análise de conteúdo de forma manual, quanto a de forma computadorizada, utilizando inteligência artificial, compuseram o resultado final da análise.

Resultados e análises dos resultados: o que descobrimos nos grupos focais

Eleitores anseiam por candidatos novos, que tragam consigo novos projetos, soluções e um mandato mais conectado com a realidade das classes C, D e E, mas o sentimento de desilusão com a política é tão forte que eles desconfiam da possibilidade de que um candidato assim tenha chance de se eleger e de conseguir governar.

Embora todos os grupos manifestem rejeição à política tradicional e falem muito sobre o desejo de mudança, há diferenças entre os eleitores de Lula e de Bolsonaro.

Em geral, os eleitores de Lula justificam sua desilusão pelas promessas não cumpridas e pelo sentimento de que políticos diferentes se sucedem no poder, mas nada muda, então eles se sentem abandonados. Já os eleitores de Bolsonaro, além de mencionar as promessas não cumpridas, citam mais a corrupção como um traço característico da política tradicional, e têm uma postura muito mais descrente e antissistema. Esses achados vão ao encontro de outros estudos citados na revisão de literatura acima.

Nenhum dos quatro perfis teve uma adesão unânime.

- O candidato tradicional (perfil 1) foi o mais rejeitado, mas não completamente. Há quem preferisse apostar nos políticos que já conhecem.
- O candidato amador (perfil 3) foi o preferido em alguns grupos, mas sempre com ressalvas.
- Os candidatos outsider (perfil 2) e rebelde (perfil 4) conseguiram capturar preferências com seus discursos, mas dividiram muito as opiniões dos participantes.

O que mais agrada aos eleitores entrevistados é a possibilidade de dar chance a “algo novo, personificado no candidato novato na política. O discurso antissistema agrada aos ouvidos, mas por mais que estejam desiludidos com a política, eles não acreditam que alguém de um partido pequeno e que confronte o “sistema” vá progredir.

Quanto à visão sobre os partidos, em sua maioria os entrevistados foram totalmente pragmáticos. Eles sabiam que partido grande e alianças políticas são essenciais para uma

candidatura. Embora muitos tenham mencionado que esses partidos trabalhavam em prol da classe política e não do “povo”, e que eles estariam imersos na corrupção, reconheceram como uma espécie de mal necessário. *“Eu olho pro partido, porque eu quero saber qual a força do partido, quanto de porcentagem de votos esse presidente vai ter quando ele quiser fazer [implementar] as promessas que fez pra gente”* disse um jovem eleitor de Lula.

Muitos entrevistados afirmaram que o candidato, seu histórico e suas propostas eram o que realmente importava, não a legenda ou o alinhamento ideológico do partido. Poucos se manifestavam para dizer que não votariam (ou rejeitariam) determinado partido. Os partidos pequenos foram vistos por alguns como mais próximos do povo, mas longe do poder. Outros olharam legendas pequenas com desprezo e desconfiança: *“Eu também acho que não há forças para ganhar, eu acho que um partido pequeno não tem muitas alianças e isso dificulta bastante”* disse uma eleitora de Lula.

A possibilidade de um candidato concorrer sem partido foi malvista pela maioria, pois o partido é visto com uma base, uma referência para o candidato. Ou seja, há uma ambiguidade na avaliação sobre os partidos estabelecidos. Ao mesmo tempo que afirmam que o partido não é importante, e sim o candidato, os entrevistados desconfiam de um candidato que não tenha partido.

Há uma ambiguidade também na percepção sobre a experiência na política.

Quando o candidato mais experiente era apresentado (tipo 1), muitos julgavam que vinte anos na política institucional seria tempo demais. A experiência não importava tanto, mas sim a paixão e a força de vontade. Porém, diante dos candidatos novatos (perfis 2 e 3), essas mesmas pessoas se queixavam da falta de experiência na política, que era vista enfim como necessária para ocupar um cargo. *“me chamou muito a atenção, a ideia dele, mas eu não gostaria pela falta de preparo, pelo fato de ele ser novo”* disse uma eleitora paulistana de Bolsonaro em 2022.

Para os eleitores não basta ser novo. Há uma série de requisitos que os novatos têm de cumprir para merecer credibilidade.

Os eleitores de Lula, em geral, parecem ficar divididos entre aqueles que preferem arriscar no novato, mesmo com muitas ressalvas, e aqueles que, diante da descrença de que alguém novo consiga mudar alguma coisa, preferem votar no político com experiência e que já é conhecido. Como disse uma de suas eleitoras paulistanas sobre o novato: *“Acredito que não tem força por causa da experiência. Mas ele está sendo honesto, transparente, mas como na política acho que se você não tem uma experiência acho que não vai para frente”*.

Já os eleitores de Bolsonaro demonstram mais rejeição à figura do político tradicional, ligando-o à corrupção enraizada no sistema. Como disse uma eleitora: *“Se você não faz nada com todo esse tempo, você quer mais quatro anos, por quê? Para fazer o quê? Só se for para retirar mais dinheiro público o máximo possível”*.

No entanto, eleitores que anteriormente apoiaram Bolsonaro demonstram ceticismo em relação ao candidato completamente *outsider* devido à sua inexperiência. Desenvolveram diversas teorias conspiratórias envolvendo tanto outsiders quanto amadores ou rebeldes, sustentando que, independentemente de quem vencer as eleições para Presidente, o sistema

político estabelecido inevitavelmente o corromperá ou o removerá do poder. *“Se você não entra para o sistema, o sistema te banê”*, disse um jovem eleitor de Bolsonaro.

Diante dessa desconfiança, alguns manifestavam disposição para votar nos novatos, enquanto outros, principalmente na cidade do interior, disseram que preferiam anular o voto do que votar em qualquer um dos quatro perfis, incluindo o tradicional.

Diferentemente dos achados de *Cox et al. (2023)*, não percebemos um sentimento de raiva direcionado aos políticos e aos partidos, mas sim de desilusão e resignação. Já a motivação eram as mesmas já ressaltadas pelas autoras: promessas não cumpridas e percepção da corrupção política.

Tratando das impressões gerais de cada perfil analisado, o político tradicional (perfil 1) foi o mais rejeitado, mas em alguns grupos houve quem reconhecesse a importância do político estabelecido: *“Pra ele ser considerado, ele tem que ter passado por vários outros cargos antes, vereador, deputado e eu vou buscar saber o que ele fez no passado, não teria meu voto de início, mas se os cargos que ele ocupou, se ele tiver feito coisas boas é um ponto positivo”*, disse uma eleitora de Lula. Outra disse: *“Por isso eu preferia votar num candidato antigo não que eu tenha me arrependido, mas é que eu acreditava mais no meu partido e eu fui decepcionada mais uma vez, mas tudo bem. Eu ainda continuo tentando acreditar que as coisas vão melhorar, né?”*

Algumas pessoas afirmaram que políticos veteranos não trabalham para o povo, mas para si mesmos, e muitos eleitores, especialmente os de Bolsonaro, associaram essa figura com a corrupção, dizendo que alguém com tanto tempo na política deveria estar envolvida ou familiarizada com tal prática: *“Vinte anos, ele tá no sistema. Então pode ser mais um corrupto, que tá ali no meio, já sabe como funciona o sistema, que a gente aqui fora não sabe”*.

A experiência na política foi valorizada por poucos, já as conexões com os políticos, advindas dessa experiência, foram vistas como vantajosas para viabilizar seu governo. Chama a atenção o fato de muitos participantes dizerem coisas como *“estive vinte anos lá, não mudou, vai mudar o quê?”*. Sua declaração de campanha, tal como simulamos (*“tenho experiência para manter aquilo que funciona bem e para fazer mudanças”*), foi considerada um clichê pela maioria. Aparentemente não houve uma percepção de que existe algo que funciona bem, como disse uma eleitora de Lula: *“Eu não acho que ele tem que agregar com o que está dando certo se já não está dando certo”*. Ao serem questionados se havia algum receio de que um novato na política colocaria em risco o funcionamento de políticas públicas, algo que poderia ser uma vantagem dos veteranos, alguns participantes não demonstraram preocupação: *“todo mundo sabe que o país precisa de educação, alimentação. Ele precisa de médicos, hospitais. Então, assim, não é um mistério pra quem é novo”* disse uma eleitora de Bolsonaro.

O candidato completamente *outsider* (Perfil 2) foi mais aceito entre os jovens eleitores de Bolsonaro. Os outros grupos tinham uma visão ambígua desse perfil, alguns achavam que ele merecia uma chance: *“se a gente quer que entre político novo, a gente tem que dar uma chance, mesmo que não seja da política”*, disse uma eleitora de Bolsonaro. Outros acharam seu discurso muito clichê. Houve elogios ao discurso mencionando o “povo brasileiro”, mas não se empolgaram por ele ser um aventureiro, se candidatando pela primeira vez e ainda por cima por um partido pequeno. Fizeram o cálculo que esse perfil, sem experiência, sem conhecimento da

política e sem apoios, não teria chance e não merecia credibilidade: *“Então, uma andorinha não faz verão, infelizmente. Ideia boa, candidato novo, aquele negócio que eu falei, renovação. Porém, ele não tem experiência. Eu acho que deveria começar de baixo”*, disse um eleitor paulistano de Bolsonaro.

Os eleitores de Bolsonaro de fato se sentiram atraídos pelo discurso dele, chamaram muita atenção para a menção ao combate a corrupção e ao “sistema podre”, mas a desilusão é tão grande que eles não abraçam qualquer discurso antissistema. Analisam criticamente quem o profere e questionaram buscando mais informações, o histórico, as propostas, porque eles já tinham sido enganados muitas vezes: *“Então, assim, por mais que a frase seja bacana, eu não votaria por medo, essa é a realidade, por medo dele ser inexperiente e querer mudar tudo. E a gente sabe que não é assim, não vai conseguir mudar tudo, não consegue. Porque os velhos vão estar atrás”*.

O político amador, novato, mas que concorreria por um partido grande (Perfil 3), teve boa aceitação, sua mensagem moderada, dizendo que estava disposto a “conversar com todos os lados”, foi vista como a combinação de renovação e pragmatismo.

Muitos participantes consideraram atraente o fato de ser alguém “novo na política”, mas que valoriza a competência: *“ele usou a palavra-chave, que seria competência, eu acho que tudo bem ser uma pessoa nova na política, mas desde que você tenha competência e conhecimento dentro do que é fazer política”*, disse um jovem eleitor de Lula. Eles gostaram de ouvir que o candidato era uma pessoa comum: *“Esse aí me chamou a atenção porque ele tá passando que entende a vivência das pessoas comuns”*.

Por outro lado, esse perfil inspirou muita desconfiança em alguns, que consideraram a declaração muito genérica, sem firmeza, e a disposição para “fazer concessões” foi também muito mal vista. Muitos estranharam como um novato estaria num partido grande e faria várias alianças. Houve sempre entrevistados para suscitar a suspeita de que o candidato era apenas um fantoche usado pelos partidos grandes para ganhar voto, mas que rapidamente os políticos antigos iriam controlá-lo e neutralizá-lo: *“Não pode entrar assim e já querer ser presidente. E ainda mais a pessoa presidente não vai governar sozinha. Existem pessoas por trás também, não é assim... A pessoa vai ser manipulada pelas outras pessoas”* disse uma eleitora de Bolsonaro.

O Perfil 4, o rebelde, também suscitou opiniões divididas na maioria dos grupos.

Alguns entenderam como positivo o fato dele “regredir” a um partido pequeno para manter seus ideais: *“me chamou a atenção ele sair de um grande partido e ir pra um menor por causa dos ideais dele, demonstra que ele tá lutando pelo povo”* disse uma eleitora de Lula em 2022, mas a maioria desconfiou muito da trajetória desse candidato, o acharam oportunista, passando por vários partidos, e duvidaram de sua sinceridade e o associaram às mesmas práticas dos veteranos: *“ele só mudou de partido pelo fato de ele não ter alcançado a oportunidade onde ele estava. Ele foi bem oportunista”*, disse uma eleitora de Lula, denotando que, em geral, a passagem por diferentes partidos não é bem vista. Curiosamente, os grupos que votaram em Bolsonaro demonstraram rejeição a esse perfil, cuja trajetória foi a mesma de Bolsonaro: um político que foi filiado a vários partidos grandes, mas mudou para um partido pequeno para concorrer à Presidência, se utilizando, retoricamente, de um discurso antissistema.

Quanto à experiência profissional dos candidatos novatos que vêm de fora do campo político, vários pontos de vistas divergentes foram apresentados.

A figura do empresário empolgou menos do que o esperado por nós. Poucos acharam que essa experiência gabaritava um candidato: *“o empresário, eu acho que seria muito bem-vindo, apesar que empresário não significa ter currículo. Empresário não quer dizer que ele é formado, que ele tem conhecimento”* disse um eleitor de Bolsonaro em Bauru. Trump foi lembrado como tendo esse perfil e apontado como uma pessoa “perigosa”.

Pablo Marçal foi mencionado várias vezes, muitos elogiaram sua inteligência para negócios e marketing, o viram como alguém que veio de baixo e venceu na vida, como disse um eleitor de Bolsonaro: *“Ele é um coach, ele entende de economia, ele veio de baixo, se tornou rico, então eu sei dos ideais dele, eu sei que ele levantaria o nosso país”*. Outros criticaram sua postura sem escrúpulos na campanha para prefeito. Disse uma eleitora de Lula o seguinte: *“Temos que dar chance, mas se um político novo não tiver uma boa conduta, que nem você viu aí uma briga de vários nos debate, Datena e Marçal, que não tem respeito nenhum, ali já mostra que não tem como ser representante”*.

O apresentador Luciano Huck foi mencionado como alguém que nasceu em “berço de ouro” e não entenderia a realidade do povo, conforme um eleitor de Bolsonaro *“é para inflar ego, não é para ser uma gestão de um país. É bem diferente gerir um time de voleibol, gerir uma empresa, um programa de TV, do que gerir uma população”*. Já o cantor Gustavo Lima foi ironizado por todos os que se manifestaram: *“Como um cantor vai se candidatar na política se ele não conhece nada de política, o que ele vai fazer lá?”* disse uma eleitora de Lula. O mesmo um eleitor de Bolsonaro: *“Ele, para mim, é um dos melhores cantores hoje. Mas e na política? Quais são as ideias? Quem está por trás com ele?”*. Os entrevistados disseram que ele deveria continuar como cantor, pois não teria competência para exercer o cargo de Presidente. Esses comentários conflitam com a pesquisa de opinião da Genial/Quaest mencionada na Introdução⁶. Tanto Marçal, como Gustavo Lima ou Luciano Huck seriam *outsiders*, pessoas que ganharam proeminência eleitoral fora da política. Marçal já se candidatou uma vez e seu discurso foi *anti-establishment* político. Já os outros dois nunca chegaram a concorrer até agora.

Os jovens eleitores de Lula entrevistados desejam candidatos novatos que atuem em projetos sociais. Eles prestavam atenção em ativismo social e político: *“Teria que ser um professor, um assistente social, alguém que já trabalha com o povo, alguém que realmente está dentro de causas, saber lidar com situações de vulnerabilidade, que cuida das pessoas”*.

Os eleitores de Bauru foram os mais descrentes com a política tradicional, os políticos e com as suas condições de vida. *“Parece que não tem ninguém lá por nós. E que nem você falou a primeira vez, por mim, não teria mais, não existia eleição. Porque não adianta ter eleição, não tá fazendo nada por nós”*, disse uma eleitora de Lula. Lá, tanto eleitores de Lula como de Bolsonaro diziam ter sido enganados pelos políticos, e que deles vinha só mentira, promessas e corrupção. A possibilidade de um candidato concorrer sem partido foi bem aceita, pois os partidos só receberam críticas nos grupos focais: *“Seria perfeito se não precisasse de partido mesmo, porque o rolo, os cambalachos, o dito popular, as mutretas começam no partido, né?”* disse uma eleitora de Bolsonaro.

⁶ O que explica o desempenho de Gustavo Lima na pesquisa Quaest...

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/02/03/entenda-o-que-explica-o-desempenho-de-gusttavo-lima-na-pesquisa-quaest.htm?cmpid> Uol. 3 fev. 2025. Acesso em 8 abr. 2025.

Nesses grupos, apareceram algumas falas mais radicais: *“Pra mudar, só criando um outro sistema, mas um outro sistema, de verdade, é uma coisa muito séria, porque tudo é corrompido”*, disse uma eleitora. E até propostas mais extremadas de federalismo apareceram: *“O Brasil é muito grande e tem muita lacuna para roubalheira, para desvio, muito. [...] Eu acho que deveria ser realmente Estados Unidos do Brasil”*.

Não está claro porque os residentes de Bauru demonstraram uma visão mais crítica aos políticos que os de São Paulo.

Droste (2021) demonstrou que indivíduos tendem a se sentir menos representados pelos políticos quando se encontram em posições inferiores na hierarquia social, possuem menor renda, apresentam níveis educacionais mais baixos e residem em áreas rurais, conforme evidenciado por um levantamento realizado na Europa. Observando alguns dados do IBGE⁷ quanto à renda média da população de Bauru em relação à de São Paulo, esta pode ser uma hipótese, embora o IDH delas seja muito parecido. Quanto à hipótese das diferenças culturais entre populações mais urbanas e mais rurais (Inglehart & Norris, 2017), isso não foi explorado, pois Bauru não é “rural”, e temas considerados pós-materialistas, como meio-ambiente e direitos de minorias sociais, não foram considerados por nós no roteiro das entrevistas nos grupos focais.

Como sugerido pela literatura (Uscinski et al., 2021), a polarização entre esquerda e direita, ou lulistas e bolsonaristas, não foi a tônica durante a condução dos grupos focais. Os participantes não sabiam que estavam em grupos exclusivos de eleitores de Lula e Bolsonaro e foi perceptível o cuidado deles para não mencionar seus nomes., sendo exceção o caso em que um eleitor de Bolsonaro afirmou já no início, ao ser perguntado sobre o que pensa sobre política: *“Não sou esquerdista nem direita, mas tem muita coisa que está errada. Tem muita coisa que o Lula fala, ele sendo presidente, que está errado”*, para então concluir: *“Não podemos aceitar um cara presidente que não terminou a escola”*, o que sugere ainda haver uma rejeição explícita à figura de Lula em segmentos da sociedade, mas que não passa propriamente por clivagens ideológicas.

Sabemos do receio que as pessoas têm de expor seu voto eleitoral em um grupo de desconhecidos e que isso pode operar como um fator inibitório. Mas, na maioria das vezes, quando mencionadas as ideologias esquerda e direita, era para dizer que não viam diferença entre elas. Como disse um eleitor de Lula: *“Então, além de afinidades políticas, e não estou dizendo só direita e esquerda, porque isso significa absolutamente mais nada, mas pautas, né? Que pautas essa pessoa defende?”*. Da mesma forma, uma eleitora de Bolsonaro disse: *“Eu acho que uma pessoa com ideias novas [...] tirando esse misticismo que começou há muito pouco tempo atrás, ou a pessoa é de direita ou é de esquerda, o que eu acho um absurdo”*. Isto é, eles não se identificam com uma ideologia política e, por consequência, com políticos que defendiam essa ideologia.

O antagonismo demonstrado nesses grupos era o tradicional “povo” versus “sistema político” e não esquerda-direita. Como disse um eleitor de Bolsonaro: *“Infelizmente, somos reféns da política. Por quê? Porque é num país onde tem diversos partidos, e não tem aquela de direita e esquerda. São vários partidos que querem só ganhar dinheiro em cima da gente. Somos reféns”*.

⁷ Infográficos com dados econômicos e sociais das cidades podem ser consultados nesta plataforma do IBGE: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>>.

Foram raros os casos em políticos foram mencionados como exemplos de alguém que admiravam. Os exemplos usados foram Erika Hilton (PSOL), na questão da jornada de trabalho, Nikolas Ferreira (PL), e alguns novos prefeitos de pequenas cidades de São Paulo que estavam gerando uma ótima impressão entre conhecidos e familiares dos participantes. Porém, eles não conseguiam lembrar o nome nem da cidade e nem do político.

Os dois quadros a seguir (Quadro 4 e Quadro 5) sintetizam as visões dos eleitores de São Paulo e de Bauru por tipo de candidatos e por temas. Eles ajudam a lidar com essa profusão de declarações.

Quadro 4. Estrutura subjacente das percepções dos eleitores sobre candidatos presidenciais

candidatos	percepções	nuances e contradições	diferenças entre grupos
Político tradicional (insider)	• Perfil mais rejeitado • Associado à corrupção e ineficácia • "20 anos e não mudou nada"	• Alguns reconhecem o valor da experiência • Poucos valorizam as conexões políticas como necessárias para governabilidade	• Eleitores de Bolsonaro: maior rejeição, associam fortemente à corrupção • Eleitores de Lula: alguns ainda apostam em políticos conhecidos
Outsider completo	• Discurso antissistema atrai, mas gera desconfiança • Visto como inexperiente e sem força política	• Entusiasmo pelo discurso, mas ceticismo sobre viabilidade • "Uma andorinha só não faz verão"	• Melhor aceito entre jovens eleitores de Bolsonaro • Demais grupos: visão mais ambígua
Amador (novato em partido grande)	• Boa aceitação geral • Valorização da renovação com pragmatismo	• Desconfiança de ser "fantoche" de políticos tradicionais • Suspeita sobre como um novato conseguiria espaço em partido grande	• Eleitores de Lula jovens: mais favoráveis • Todos os grupos: preocupação com ser manipulado
Rebelde (político em partido pequeno)	• Opiniões muito divididas • Visto como oportunista por muitos	• Alguns valorizam "manter ideais" mesmo em partido menor • Maioria desconfia da trajetória e sinceridade	• Curiosamente, eleitores de Bolsonaro demonstraram rejeição a esse perfil, apesar de ser semelhante à trajetória de Bolsonaro

Fonte: elaboração própria, 2025.

Quadro 5. Estrutura subjacente das percepções dos eleitores sobre a política brasileira

temáticas	percepções	nuances e contradições	diferenças entre grupos
Visão sobre a política	• Forte desejo de renovação política • Ceticismo generalizado • Sentimento de impotência e resignação ("nada muda")	• Pragmatismo sobre a necessidade de alianças partidárias • Reconhecimento de que sem apoio partidário é difícil governar • Ambiguidade: rejeitam partidos, mas desconfiam de candidatos sem partido	• Eleitores de Lula: foco em promessas não cumpridas e abandono • Eleitores de Bolsonaro: ênfase maior na corrupção e postura mais antissistema • Eleitores de Bauru de ambos candidatos: posições mais radicais e descrentes
Visão sobre os partidos	• Pragmatismo: partidos são necessários para governabilidade • Partidos vistos como parte do "sistema" • Partidos grandes têm mais chance, mas menos proximidade com o povo	• Ambiguidade: partidos são mal vistos, mas candidatos sem partido geram desconfiança • Partidos pequenos: mais próximos do povo, mas sem força política	• Eleitores de Bauru: mais abertos a candidatos sem partido • Eleitores da capital: mais pragmáticos quanto à necessidade de apoio partidário
Polarização ideológica	• Baixo engajamento com termos como "esquerda" e "direita" • Principal clivagem percebida: "povo versus elite política"	• "Isso significa absolutamente mais nada"	• Pouca diferença entre grupos neste aspecto • Consenso geral de descrença na utilidade da polarização ideológica
Experiências valorizadas	• Ativismo social (entre eleitores de Lula) • Experiência em gestão • "Conhecer a realidade do povo" (proximidade)	• Empresários geram menos entusiasmo que o esperado • Artistas e famosos (Gusttavo Lima) rejeitados para o cargo de Presidente (inexperiência)	• Eleitores de Lula jovens: valorizam trabalho social e com vulneráveis • Eleitores de Bolsonaro: admiram histórias de superação
Expectativa de mudança	• Desejo por renovação, mas ceticismo sobre possibilidades reais • "Se você não entra para o sistema, o sistema te bane"	• Teoria recorrente: o sistema acaba corrompendo ou neutralizando qualquer novato • Dilema entre desejo de mudança e medo da inexperiência	• Jovens: mais esperançosos • Eleitores de Bauru: mais pessimistas, alguns com visões contrárias à democracia atual

Fonte: elaboração própria, 2025.

Essa síntese de perfis e temáticas revela toda a complexidade do processo de escolha eleitoral. Eleitores brasileiros demonstram um olhar crítico sobre a política e seus atores políticos. Há uma tensão contínua entre o anseio por renovação e o receio da inexperiência. A pesquisa do INCT ReDem mostra que o simples discurso antissistema não é suficiente mais para conquistar o eleitorado: um outsider se quiser ser bem-sucedido precisará equilibrar novidade com viabilidade política.

Conclusões: o paradoxo da renovação

Os debates gerados nos grupos focais discutindo a política, os políticos e os perfis de candidatos presidenciais para as próximas eleições evidenciaram a dimensão do sentimento *anti-establishment* dos eleitores paulistas. Como reafirmado por Schedler (1996), a impressão geral é que a principal clivagem percebida por eles é entre povo e classe política. Há um forte

desejo de renovação que vem acompanhado de um grande ceticismo sobre a possibilidade de mudanças concretas e de melhoria de vida. Mas a situação não parece gerar indignação do eleitor, mas sim desgosto e resignação.

Os eleitores das classes C, D e E entrevistados – o perfil médio do eleitor brasileiro – exibiram uma postura ambígua diante da política, desconfiando tanto dos veteranos como de novatos inexperientes. O discurso antissistema chama nossa atenção, mas a maioria não acredita que um candidato com esse discurso vá mudar algo e, ao mesmo tempo, têm medo do tipo de mudança que ele faria. Os partidos e as alianças políticas são vistos de forma pragmática: por mais que não se sintam representados por eles, o presidente eleito precisa ter apoios para governar.

Uma limitação metodológica fundamental deste estudo é sua delimitação geográfica ao estado de São Paulo, o que inibe a possibilidade de estender nossos achados ao eleitorado brasileiro como um todo. Há certamente variações de percepções políticas nas diversas regiões do país, em razão das particularidades socioeconômicas e culturais. Adicionalmente, a natureza qualitativa da pesquisa, embora permita perceber nuances nas opiniões dos participantes, apresenta restrições inerentes em função da amostra (60 casos). A abordagem dos grupos focais permite compreender em profundidade as perspectivas de um conjunto específico de eleitores, mas nada nos autoriza a inferências estatísticas sobre a prevalência dessas opiniões na população brasileira como um todo, limitando a generalização desses resultados.

A implementação de estudos quantitativos complementares, como surveys em larga escala, poderia verificar a representatividade das percepções identificadas aqui e quantificaria a influência do sentimento *anti-establishment* no comportamento eleitoral em diversos segmentos sociais e não apenas nas classes C, D e E. Igualmente, investigar a relação entre esse sentimento e a influência de visões de mundo específicas sobre temas sensíveis elucidaria as motivações subjacentes ao apoio a candidatos outsiders.

De toda forma, com base apenas nos dados desta investigação, na próxima eleição presidencial será difícil capturar o voto desse tipo de eleitor apenas com o tradicional discurso antissistema. Um candidato novato terá mais chances se usar uma retórica mais moderada e mostrar que terá apoios para governar. Já a percepção de que os novatos não terão habilidade política para concretizar seus projetos diante de um sistema político tão rígido, pode levar os eleitores a apostarem em candidatos mais experientes e que, enfim, já conhecem.

De toda maneira, mais pesquisas qualitativas como esta, com base em grupos focais ou entrevistas em profundidade, feitas em diferentes regiões do Brasil, seriam necessárias para verificar se essas impressões estão restritas ao eleitor paulista ou não.

Roberta Picussa é doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná e pesquisadora de pós-doutorado do INCT ReDem. Atua desde 2011 como assessora parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. Foi Coordenadora Pedagógica da Escola do Legislativo da ALEP e é Editora-chefe da Revista do Legislativo Paranaense.

Adriano Codato é professor de Ciência Política na Universidade Federal do Paraná, pesquisador do CNPq e coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Representação e Legitimidade Democrática (ReDem).

Felipe Calabrez da Silva é pesquisador de pós-doutorado no CEVIPOF-Sciences Po Paris e no INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem). É mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná e doutor em Administração Pública e Governo pela Fundação Getulio Vargas (FGV-SP).

Declaração de conflito de interesses:

A autora e o autor deste manuscrito não possuem qualquer conflito de interesses que possa ter influenciado, direta ou indiretamente, a elaboração, análise ou apresentação dos dados e interpretações contidos neste trabalho.

CRedit – Contribuições dos Autores

Roberta Picussa: Conceituação, Metodologia, Investigação, Curadoria de dados, Redação (rascunho original), Visualização

Adriano Codato: Conceituação, Recursos, Redação (revisão e edição), Visualização, Supervisão, Administração do projeto, Aquisição de financiamento

Felipe Calabrez da Silva: Conceituação, Metodologia, Redação (revisão e edição)

Declaração de uso de inteligência artificial

A organização final dos dados qualitativos, especificamente os Quadros 4 e 5 deste paper, foi desenvolvida com assistência do modelo de linguagem *Claude 3.7 Sonnet* (Anthropic, fevereiro de 2025), consultado em 8 de abril de 2025. A ferramenta de IA foi utilizada para sistematizar a estrutura subjacente das percepções dos eleitores. Todo o conteúdo gerado foi cuidadosamente revisado, verificado e editado pelos autores, que assumem total responsabilidade pela precisão, integridade e originalidade do manuscrito final.

Referências

- Barr, R. (2009). Populists, outsiders and anti-establishment politics. *Party Politics*, 15(1), 29–48. <https://doi.org/10.1177/1354068808097890>
- Carreras, M. (2012). The Rise of Outsiders in Latin America, 1980-2010: An Institutional Perspective. *Comparative Political Studies*, 45(12), 1451–1482. <https://doi.org/10.1177/0010414012445753>
- Corrales, J. (2008). Latin America's neocaudillismo: Ex-presidents and newcomers running for president ... and winning. *Latin American Politics and Society*, 50(3), 1–35. <https://doi.org/10.1111/j.1548-2456.2008.00020.x>
- Cox, L., Garbiras-Díaz, N., Bueno, N., Fairfield, T., Hidalgo, D., García-Montoya, L., González, R., Gottlieb, J., Le Foulon, C., Levendusky, M., Reyes-Housholder, C.,

- Samii, C., & Toral, G. (2023). *The nature, sources, and consequences of citizens' anti-establishment sentiments: Evidence from two Latin American countries*.
- Cox, Loreto, & Garbiras-Díaz, Natalia. (2024). *Anti-Political-Establishment Citizens: An In-Depth Study from Two Latin American Countries*. Harvard Business School Working Paper No. 24-073. Disponível em: https://www.hbs.edu/ris/Publication%20Files/Anti_establishment_preferences_final_e8fa0821-1b3d-4f47-8809-da8fbb9e52da.pdf
- Doyle, D. (2011). The legitimacy of political institutions: Explaining contemporary populism in latin america. *Comparative Political Studies*, 44(11), 1447–1473. <https://doi.org/10.1177/0010414011407469>
- Droste, L. (2021). Feeling left behind by political decisionmakers: Anti-establishment sentiment in contemporary democracies. *Politics and Governance*, 9(3), 288–300. <https://doi.org/10.17645/pag.v9i3.3949>
- Fuks, M., & Marques, P. H.. (2020). Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018. *Opinião Pública*, 26(3), 401–430. <https://doi.org/10.1590/1807-01912020263401>
- Fuks, M., Ribeiro, E., & Borba, J.. (2021). From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018 Vote for Bolsonaro. *Brazilian Political Science Review*, 15(1), e0005. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>
- Hansen, E. R., & Treul, S. A. (2021). Inexperienced or anti-establishment? Voter preferences for outsider congressional candidates. *Research and Politics*, 8(3). <https://doi.org/10.1177/20531680211034958>
- Hartleb, F. (2015). Here to Stay: Anti-establishment Parties in Europe. *European View*, 14(1), 39–49. <https://doi.org/10.1007/s12290-015-0348-4>
- Inglehart, R., & Norris, P. (2017). Trump and the Populist Authoritarian Parties: The Silent Revolution in Reverse. *Perspectives on Politics*, 15(2), 443–454. <https://doi.org/10.1017/S1537592717000111>
- IPSOS. (2024). *Ipsos Populism Survey : Survey. February*.
- Kenney, C. D. (1998). Outsider and anti-party politicians in power: New conceptual strategies and empirical evidence from Peru. *Party Politics*, 4(1), 57–75. <https://doi.org/10.1177/1354068898004001003>
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. (1ª). Zahar.
- Meléndez, C. (2022). The Post-Partisans - Anti-Partisans, Anti-Establishment Identifiers, and Apartisans in Latin America. In *The Post-Partisans* (Vol. 5253). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108694308>
- Schedler, A. (1996). Anti-political-establishment parties. *Party Politics*, 2(3), 291–312. <https://doi.org/10.1177/1354068896002003001>
- Uscinski, J. E., Enders, A. M., Seelig, M. I., Klostad, C. A., Funchion, J. R., Everett, C., Wuchty, S., Premaratne, K., & Murthi, M. N. (2021). American Politics in Two Dimensions: Partisan and Ideological Identities versus Anti-Establishment Orientations. *American Journal of Political Science*, 65(4), 877–895. <https://doi.org/10.1111/ajps.12616>

INCT Representação e Legitimidade Democrática

Equipe

Coordenador: Adriano Codato (UFPR)

Vice-coordenador: Ednaldo Ribeiro (UEM)

Coordenadores dos Eixos temáticos

Comportamento Político: Ednaldo Ribeiro (UEM)

Instituições Políticas: Bruno Bolognesi (UFPR)

Elites Políticas: Renato Monseff Perissinotto (UFPR/UFSC)

Comitê Gestor

Adriano Codato (UFPR)

Ednaldo Ribeiro (UEM)

Andréa Freitas (Unicamp)

Nara Pavão (UFPE)

Bruno Bolognesi (UFPR)

Universidade Federal do Paraná

Departamento de Ciência Política

INCT ReDem

Endereço:

Rua General Carneiro, 460 sala 514

CEP 80060-150 Curitiba, Paraná, Brasil

Tel: +55 (41) 3360-5065

E-mail: inct.redem@gmail.com